

## Kajlô

Os Vanzas e Darjis, os tecelões e os alfaiates da cidade de Diu celebram uma festa denominada KAJLÔ no quarto dia de Krishna paksha de Saavana.

Consiste em uma figura piramidal de forma quadrilátera, construída de bambus e densamente forrada de folhas de betel com guarnições de flores nos ângulos e no cume, tendo na base um belo coco dependurado e encoberto na densa folhagem verdejante de betel.



Nesta fotografia, pode-se ver membros da comunidade preparando o Kajlô, com bambus e folhas de bétel, em memória do Santo Kabir. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.



Nesta fotografia, pode-se ver o Kajlô que consiste em uma figura piramidal de forma quadrilátera, construída de bambus e densamente forrada com folhas de bétel. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.

É festa original de Diu e não se celebra em nenhuma outra parte da Índia.

Quase às 5 horas da tarde, parte o alegre cortejo religioso dum bairro próximo do Dispensário com destino à Porta do Campo.



Quase às 5 horas da tarde, a alegre procissão religiosa parte de um bairro perto da farmácia para a Porta do Campo, Zampa. Cinco membros da comunidade são vistos a rodar o Kajlô sete vezes antes de começar o seu trajecto. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.



Nesta fotografia, pode-se ver o Kajlô a aproximar-se do seu destino, acompanhado de música e cânticos tradicionais. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.

A aglomeração de gente em todo o percurso é enorme, emprestando-lhe muito brilho, as mulheres e raparigas envoltas em seus ricos e vistosos saris, as quais à passagem do seu ídolo deitam punhados de arroz em reverente atitude.



Nesta fotografia, pode-se ver mulheres e meninas envoltas em seus ricos e vistosos saris que, na passagem do seu ídolo, atiram punhados de arroz em atitude reverente. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.

Às sete horas e meia, o cortejo chega ao local da sua finalidade, com músicas e cânticos.

O cenário é então atraente, pitoresco: um vasto mar de cabeças ondulantes, entre calorosas e estridentes orações.



Nesta fotografia, pode-se ver alguns membros da comunidade segurando o Kajlô no local do seu destino. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.



Nesta fotografia, pode-se ver a multidão de pessoas aglomerada ao longo do caminho. O cenário é atraente e pitoresco, com um vasto mar de cabeças ondulantes, entre calorosas e estridentes orações. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.

Os condutores de Kajlô, em posição grave e donairoso dão-lhe solenemente sete voltas e a multidão frenética atira-se à charola desmantelando-a no meio de acalorada luta. A vitória cabe ao felizardo que consegue apanhar o sagrado coco e com destreza escapar-se do meio da multidão. Fala-se que esse coco tem a virtude de dar filhos aos esposos que os não têm.



Nesta fotografia, pode-se ver os condutores do Kajlô, em uma posição grave e digna, solenemente dando-lhe sete voltas. Foto, cortesia do Shreeman Vijay Kumaldas.

Terminada a luta em que se empenham a colher um pequeno fragmento, pelo menos, do Kajlô, não se enxerga no solo uma única minúscula partícula do seu despojo.



Nesta fotografia, pode-se ver a multidão frenética a atirar-se ao Kajlô, desmantelando-o no meio de uma luta amigável e acalorada.

Conta-se que essa festividade tem origem no seguinte episódio, que se perde na escuridão dos séculos:

Uma infeliz, grávida, foi, arrependida da sua fraqueza, em peregrinação aos lugares santos. Estando um dia a purificar-se no Ganges, sentiu dores de maternidade e pôs-se fora de água, segura num abrigo meio oculto, onde, momentos depois, deu à luz um formoso menino, que, sem culpa de ter nascido, aí ficou à mercê do acaso, embora contra a vontade da desgraçada parturiente. Mas a Providência, que sempre vela pelos desprotegidos de sorte, mandou um fakir, que divagava por aqueles sítios, recolher o inocentinho e tomá-lo por filho adoptivo.

Cresceu o rapaz, conhecido pelo nome de Kabir, em virtude e santidade e, feito homem, veio para Diu. A fama de sua sabedoria religiosa atraiu-lhe grande número de devotos admiradores, mesmo entre os brâmanes letrados, um dos quais, em certa ocasião, estando a ouvir o sermão do benquista profeta, bebeu por inadvertência da sua água, lamentando-se por isso, em vivo pranto, da sua eterna condenação.

Kabir acalmou-o com a sua autoridade por todos reconhecida, afirmando-lhe que ele também era brâmane de raça, e com uma canivete traçou no seu corpo descoberto, em sentido diagonal, uma linha sanguínea que se converteu por milagre em verdadeira linha branca conhecida por JANOI, símbolo da fé bramânica. Querido e amado por todos, oferecia-lhe anualmente uma bela festa no quarto dia depois de Narieli Purnima, festa que eles intitularam KAJLÔ, derivante de KAJI (homem

douto e santo), em homenagem ao nome do seu prezado mestre Kabir, que quando morreu, o seu cadáver transformou-se em uma pirâmide de verdejantes folhas de betel.

**Dipac Canacsinh**

#### Agradecimentos

O meu sentimento sincero de profunda gratidão ao Sr. Pradip Vassantlal pela sua assistência na edição e revisão da versão Gujarati deste artigo.

Gostaria de expressar a minha gratidão ao Sr. Navinchandra Damodar por me ter permitido transcrever em Gujarati os rituais de decoração e puja do coco usado no Kajlô.

Agradecimentos especiais ao Sr. Vijay Kumaldas, ao Sr. Navinchandra Damodar, ao Sr. Hasmucrai Amarchande e ao Sr. Samir Puspaseno por me terem dado acesso às fotografias usadas neste artigo.

Agradeço ao Sr. Vijay Kumaldas que me disponibilizou o poema de Kabir Bhagat. A minha gratidão também ao Sr. Vasant Aridas e ao Sr. Hasmucrai Amarchande que me forneceram as canções vaishnav, entoadas nesta ocasião.

Agradeço também ao meu primo, Sr. Rajendra Manharlal, por me ter facultado o vídeo apresentado neste artigo.